



Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro

EVANGELIZAÇÃO DA INFÂNCIA CONSIDERAÇÕES PARA A PRÁTICA

Coleção Diretrizes – 2

1ª edição: outubro de 2009

Revisado em maio de 2015

CEERJ - Edições

Rua dos Inválidos, 182 - Centro

20231-048- Rio de Janeiro – RJ

(21) 2224-1244

Home page e vendas: www.ceerj.org.br

*Todos os direitos reservados.
É permitida a utilização de
partes da obra, desde que
citada a fonte.*

Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

© Conselho Espírita do Estado do Rio de

APRESENTAÇÃO

Esta publicação é fruto do atendimento feito pelo Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro em encontros e seminários desenvolvidos no Estado.

Na sua função de órgão federativo, tem a tarefa de fornecer diretrizes, discutir propostas, receber e divulgar subsídios voltados para o bom desenvolvimento das atividades nas Casas Espíritas.

As informações aqui emitidas, compondo a ***Coleção Diretrizes***, fazem parte das recomendações da Federação Espírita Brasileira, através das reuniões no Conselho Federativo Nacional e da Comissão Regional Sul, fundamentadas nas obras básicas da Doutrina Espírita e dos bons espíritos que têm-nos brindado com informações preciosas.

Neste exemplar são abordados aspectos das atividades desenvolvidas pela Casa Espírita no que se refere a Evangelização da Criança.

É uma pequena contribuição ao pujante movimento espírita fluminense e que foi revisado neste período.

Diretoria Executiva
Setembro/2015

“O Centro Espírita é uma escola onde podemos aprender e ensinar, plantar o bem, e recolher-lhes as graças, aproximar-nos e aperfeiçoar os outros , na senda eterna.” -
Emmanuel

SUMÁRIO

Evangelização da Infância e da Juventude: visão geral

- Em que consiste
- Para que evangelizar?
- Quem realiza
- A equipe básica
- Evangelizando: com quantos trabalhar?
- Uma única evangelização, vários níveis
- O que se espera dos evangelizadores
- A necessidade de equipes sólidas

Organização das turmas

- Matrículas
- Critérios para a matrícula
- Controle de frequência
- Transição da Infância para a Juventude

Planejamento das atividades

- Currículo da FEB e currículos alternativos
- Periodicidade
- O planejamento em si

Execução das atividades

- Local e mobiliário
- Atividades previstas
- Horário
- A aula
- A questão da disciplina
- Festividades

Relações importantes

- Com os Órgãos do Sistema Federativo Espírita Estadual
- Com o a Instituição Espírita
- Com as famílias
- Com a comunidade

EVANGELIZAÇÃO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE: VISÃO GERAL

Em que consiste?

São encontros semanais de estudo e vivência da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus voltados para a criança e para o jovem, que se dão de forma planejada, adequada a cada faixa etária e à realidade dos participantes. Sua principal finalidade é despertar as potencialidades para o bem que cada evangelizando traz, ajudando-o a perceber e a firmar seu compromisso com o próprio progresso espiritual.

A FEB, nos seus Programas de Estudos, denomina Evangelização Espírita Infanto-Juvenil à transmissão do conhecimento espírita e da moral evangélica pregada por Jesus, nosso modelo e guia.

Para que evangelizar?

A primeira pergunta que todo aquele que se propõe a evangelizar deve responder é: “Para que evangelizar?”

Nós, consoantes com o pensamento da FEB, entendemos que os principais objetivos da evangelização Espírita da Infância e da Juventude são:

⊕ Promover a integração do evangelizando consigo mesmo, com o próximo e com Deus;

⊕ Proporcionar ao evangelizando o estudo da lei natural que rege o Universo; da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal;

⊕ Oferecer ao evangelizando a oportunidade de perceber-se como ser integral, crítico, participativo, herdeiro de si mesmo, cidadão do Universo, agente de transformação de seu meio, rumo a toda perfeição de que é suscetível.

Quem realiza?

As Casas Espíritas através dos departamentos voltados para essa finalidade. No estado do Rio de Janeiro, a evangelização infantil-juvenil está inserida na Área de Educação Espírita e é realizada pelo Serviço de Evangelização da Família. Divide-se em dois setores: Infância e Juventude.

(...) a tarefa da evangelização Espírita Infanto-Juvenil é do mais alto significado dentre as atividades desenvolvidas pelas instituições Espíritas, na sua ampla e valiosa programação de apoio à obra educativa do homem. (FEB, 1987)

Leopoldo Machado, na mensagem intitulada Campo Fértil, lembra que “é inútil tentar endireitar árvores que já envelheceram tortas.” Por isso, conclama os educadores para agirem cedo, enquanto elas estão em condições de se apurarem: “(...) É preciso cuidemos, portanto, da criança e do jovem, plantas em processo de crescimento, ainda amoldáveis e direcionáveis para o bem maior.”

Este livreto trata especificamente da Evangelização da Infância, havendo um outro específico que enfoca a Juventude.

A equipe básica

O serviço de evangelização da infância necessita de uma organização simples, porém, responsável. Essa equipe deverá contar com um coordenador geral e com os evangelizadores.

⊕ **Coordenador** – o ideal é que seja um companheiro agregador, com experiência em trabalhos de equipe e, se possível, em coordenação pedagógica. Seu papel é formar e alimentar o grupo de evangelizadores.

⊕ **Evangelizadores** – deverão ser pessoas comprometidas consigo mesmas e com o outro, estudiosas da Doutrina Espírita e observadoras do mundo, em constante

busca de aprendizado. Como características de personalidade, espera-se que sejam afetuosas, criativas e flexíveis.

Os evangelizando: com quantos trabalhar?

“Deixai que venham a mim as criancinhas, não as impeçais.” (Jesus).

Com qualquer número é possível se evangelizar.

Quantos? A prudência aconselha a começar com pequenos grupos divididos por faixa etária, mas isso vai depender de haver evangelizadores e locais em número suficiente.

Se o grupo que já se apresenta para a evangelização é muito reduzido (até 10 crianças), pode-se formar apenas uma turma, ainda que composta por crianças de faixas etárias diferentes. Caberá ao evangelizador dar-lhes uma assistência diferenciada.

Se o grupo, porém, for muito grande (mais de 50 crianças), pode-se adotar a seriação completa.

Cada grupo espírita vive dentro de uma realidade que lhe é própria, considerando-se o espaço físico, número de crianças e quantidade de evangelizadores e colaboradores. Assim, sugerimos a divisão em pelo menos três grandes grupos, (os dois primeiros da Infância e o terceiro da Juventude) devido às características da faixa etária, que poderão ser reagrupados conforme a divisão adotada pela FEB:

1º grupo: 3 a 6 anos:	3/4 anos 5/6 anos	Jardim de Infância I Jardim de Infância II
2º grupo: 7 a 12 anos	7/8 anos 9/10anos 11/12 anos	1º ciclo Infância 2º ciclo Infância 3º ciclo Infância
3º grupo: 13 em diante	13/14 anos 15/17 anos 18 a 21 anos	pré-juventude 1º ciclo Juventude 2º ciclo Juventude

A experiência nos mostra, entretanto, que dificilmente se tem, ao começar, estrutura física e recursos humanos em condições de cobrir todas essas turmas.

Nossa sugestão é que se pense em termos de prioridades. Assim, pode-se começar com três grupos: crianças menores (5 a 7 anos); crianças em fase intermediária (8 a 10 anos) e crianças maiores (11 a 14 anos). Essas faixas etárias poderão ser adaptadas às necessidades e características do grupo de evangelizando existente.

Para grupos cuja previsão é começar com um número que varia entre 20 e 40 crianças, pode-se adotar a sugestão acima. Caso, porém, não haja evangelizadores em número suficiente, a constituição de duas turmas parece-nos mais aconselhável.

Nos demais casos, pode-se estudar qual a formação que seria mais viável, levando-se em consideração as condições existentes.

diretriz_evangelizacao_infancia

Uma único grupo de evangelização, vários níveis

Duas questões são frequentemente levantadas nos encontros de evangelizadores a respeito desse assunto: uma, em relação ao nível de escolarização da criança; outra, em relação ao seu nível sócio-econômico, (traduzido na sua condição de “assistido” pela Casa Espírita). Deve-se formar turmas homogêneas ou heterogêneas ? Os teóricos da educação entendem que a formação de grupos heterogêneos ajuda na aprendizagem.

Para se compreender melhor esse ponto de vista basta se lembrar dos objetivos da evangelização Espírita. Para se formar pessoas de bem, para se ajudar na evolução espiritual dos evangelizados é fundamental que se superem todas as diferenças entre eles, principalmente as de cunho social. E, do ponto de vista da aquisição do conhecimento, nada melhor para o evangelizando de baixa escolaridade, do que ter ao seu lado um outro mais adiantado. Muito sentimento de solidariedade pode ser despertado quando se propõe às crianças que sabem mais, que ajudem às que sabem menos. Muita lição de humildade, pode nascer do contato da criança que tem uma vida confortável com aquela que vive na miséria. Em situações como essas, preconceitos podem ser cortados no nascedouro. Portanto, a evangelização cria uma excelente oportunidade para que pessoas diferentes convivam entre si.

O que se espera dos evangelizadores

Se numa Casa Espírita surgiu a ideia de se criar uma evangelização é porque nela já deve existir pessoas interessadas em participar da tarefa. São, em geral, pessoas preocupadas com o destino das crianças da sua comunidade; são espíritas que reconhecem a importância de se evangelizar, desde cedo, as novas gerações.

Em torno desses pioneiros começa, e então, a se formar a equipe de evangelizadores.

Sabemos que a boa vontade é fundamental em um trabalho dessa natureza, mas somente boa vontade não basta. É preciso que o evangelizador conheça Doutrina Espírita. A base doutrinária é o cimento que vai pavimentar o chão por onde todos deverão passar: o próprio evangelizador e seus evangelizados. Entendemos que todo evangelizador deva aprimorar contentemente seu conhecimento da Doutrina, quer por meio de assistência a palestras, a programas espíritas de rádio, quer por meio de estudo, individualmente ou em grupo, ou, ainda, de uma outra forma.

Além do conhecimento doutrinário, seguindo uma orientação de Bezerra de Menezes (psicografia de Júlio Cezar Ribeiro) é recomendável que os evangelizadores conheçam aquilo que é específico da sua tarefa, ou seja como se processa o ensino/aprendizagem, conteúdo tratado pela pedagogia, pela psicologia da educação e pela didática. Há inúmeros recursos que propiciam esse conhecimento: livros, cursos, oficinas pedagógicas, seminários, etc.

Mas isso não é tudo. Segundo afirma a FEB, expresso no *Currículo para as Escolas de evangelização Espírita Infanto-Juvenil*, é igualmente importante que o evangelizador :

- ⊕ conheça os conteúdos doutrinários;
- ⊕ seja um referencial de comportamento ético, à luz dos ensinamentos de Jesus;
- ⊕ esteja convencido de que a evangelização Espírita irá contribuir para a transformação moral da Humanidade;
- ⊕ tenha entusiasmo pela tarefa;
- ⊕ seja flexível e receptivo à aquisição de novos conhecimentos ;
- ⊕ tenha uma visão integrada do Currículo da evangelização e de sua inserção no Movimento Espírita;

⊘ saiba escolher metodologias que possibilitem ao evangelizando construir, elaborar e expressar seu conhecimento;

⊘ tenha sensibilidade para se avaliar, considerando seu papel de mediador entre o conhecimento, o aluno e sua realidade.

A necessidade de equipes sólidas

Importante também é a preocupação em formar equipes voltadas para a evangelização Infanto-Juvenil. Quando falamos em equipe estamos pensando em grupos relativamente permanentes, que investem na autoformação e que acumulam experiências. Grupos que têm um coordenador e que, com o tempo, ganham unidade, estreitam laços de amizade e crescem em compromisso com a tarefa assumida.

É preciso, portanto, se ter em mente que:

⊘ Evangelização não se improvisa. É um trabalho que demanda disponibilidade de tempo na sua preparação, exigindo dedicação do tarefeiro.

⊘ O trabalho da evangelização não pode se distanciar da realidade dos evangelizados, a fim de não parecer frio e inadequado;

⊘ O trabalho de evangelização exige planejamento, criatividade, treinamento e aprimoramento;

⊘ Coordenadores e evangelizadores atuam melhor quando participam de cursos ou treinamentos específicos.

ORGANIZAÇÃO DAS TURMAS

Matrículas

O processo da matrícula dos evangelizando deve ser previsto com certa antecedência e divulgado mediante diferentes meios: nas reuniões públicas da instituição, por ocasião da execução das tarefas sociais da Casa, por folhetos, boletins, etc.

Deve-se marcar dia (ou dias), horário e local de atendimento, bem como deixar claro qual a faixa etária que será aceita.

Para o ato da matrícula deverá ser preparada uma “Ficha de matrícula” que será respondida pelos responsáveis. Dela deverão constar os dados informativos sobre o evangelizando e sua família. É importante que se atente para a necessidade de se deixar um campo para “Observações”, no qual deverão ser anotados pontos de referências quando se tratar de endereços pouco familiares à equipe de evangelizadores e certas peculiaridades sobre o evangelizando (se tem irmãos na evangelização, quais são etc.).

Quanto ao limite de matrículas a ser aceito, caberá a cada instituição decidir de acordo com as suas possibilidades. O mesmo vale para a aceitação de matrículas fora do prazo. A esse respeito somos de opinião de que todos os esforços devem ser feitos no sentido de se aceitar aquele que bate às portas da instituição, ainda que isso implique em alguns contratemplos.

O ato da matrícula pode ser uma porta de entrada para os pais ou responsáveis (no caso dos não-frequentadores). Toda instituição deveria organizar reuniões nas quais seriam dados esclarecimentos sobre a evangelização, a Doutrina Espírita, a instituição, e feito um convite para que viessem a compor o Grupo de Pais. O CEERJ adota o modelo de evangelização da família (ver detalhes no livreto sobre Evangelização da Família /ENEFE e Espaço de Educação Familiar).

Critérios para a matrícula

É importante que sejam estabelecidos critérios para a aceitação do evangelizando antes do início das matrículas. Há algumas questões fundamentais que precisam ser discutidas para uma posterior tomada de posição da equipe de evangelizadores. Uma delas é a faixa etária a ser atendida; outra, a religião professada pela família. Há casos em que, motivadas pelos benefícios materiais advindos da evangelização (merenda, almoço, etc.), certas famílias procuram a instituição Espírita para matricularem seus filhos, a despeito de professarem outra religião. Embora cada grupo seja livre para decidir a esse respeito, como já afirmamos, o trabalho de evangelização tem por base a família. Além disso, quando a criança é levada pelos familiares a participar de outros credos religiosos, o fato de frequentar, também, a evangelização Espírita, poderá causar-lhes conflitos para os quais ainda não está preparada.

Controle de frequência

Uma vez feitas as matrículas, devem ser organizadas em folhas ou diários de frequência. No primeiro momento, a composição das turmas deverá ser provisória, uma vez que nem sempre o critério da faixa etária é o mais acertado. Há casos em que o evangelizando poderá estar melhor ajustado em uma turma acima ou abaixo da sua. Além disso, no mês inicial há sempre a ocorrência de novas matrículas.

Há diferentes formas de se aferir a presença dos evangelizando. Uma delas, bastante motivadora, é fazer-se um cartaz em que haverá várias hastes de flores que irão ser completadas ao longo dos meses. Cada haste corresponde a uma criança, cujo nome será escrito no miolo da flor; as pétalas serão colocadas, uma a uma, em cada dia em que ela comparecer ao encontro. Podem ser desenhadas diretamente

sobre o cartaz ou feitas em papel colorido e coladas, posteriormente.

Outra forma interessante é fazer-se um cartaz simulando uma corrida. Para isso é necessário listar-se, no cartaz, o nome de todos os evangelizando e preparar desenhos de carrinhos de corrida, barquinhos, ou bicicletas. A cada dia de aula a criança presente colará diante do seu nome a figura.

Em ambos os casos o evangelizador deverá comentar como está o andamento da frequência. Importante é procurar saber dos faltosos o motivo das faltas. Havendo condição, devem-se tomar as providências para minimizá-las.

Transição da infância para a juventude

A saída do evangelizando da infância para os ciclos da mocidade deveria ocorrer com bastante naturalidade, já que nessa fase, todos sentem um grande prazer em crescer, em não ser mais criança.

Olhando com atenção, veremos que nem sempre esse processo acontece com naturalidade, pois se depara com barreiras psicológicas e sociais, as quais percebemos, mas ainda não encontramos soluções viáveis para evitar o conflito que acaba gerando a evasão.

Criamos uma expectativa muito grande para o evangelizando que irá para pré-mocidade e posteriormente para o 1º ciclo de mocidade. Nossos programas, na grande maioria, são feitos para jovens críticos e maduros e nem sempre observamos que aquele menino ou menina que saiu do 3º ciclo, ainda psicologicamente imaturo, quer brincar e “zoar” os que estão a sua volta. Há casos em que os evangelizando socialmente carentes, muitas vezes com uma bagagem escolar defasada, se afastam para trabalhar.

O que fazer então?

- ⊘ Nosso primeiro passo é integrar o jovem a casa, permitindo que ele participe de outras atividades além da sua ida semanal a mocidade.

- ☺ Rever os programas e a metodologia utilizada nos encontros, procurando levar conteúdos extraídos do cotidiano dos evangelizados e fazendo as devidas conexões com a Doutrina.
- ☺ Aproximar o evangelizando da mocidade, fazendo encontros experimentais, onde o evangelizador de Mocidade dê aulas para o 3º ciclo.
- ☺ Criar reforço escolar para os que precisarem, fazendo da Casa Espírita uma instituição de promoção social.
- ☺ Qualificar o evangelizador de Mocidade.
- ☺ Fazer programas culturais, principalmente, quando nossa clientela for socialmente carente.
- ☺ Avaliar os encontros semanalmente.

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

Currículo da FEB e currículos alternativos

Os conteúdos são elaborados por cada grupo de evangelização, com vistas a atender ao seu grupo específico de evangelizando. Devem se basear nos postulados da Doutrina Espírita e nos ensinamentos de Jesus e, na vida cotidiana da nossa clientela.

Muita atenção deve ser dada ao planejamento das atividades, pois ele é a chave do sucesso da evangelização. Mas cada planejamento deverá ser único, porque o que funciona para um determinado grupo de crianças ou jovens, pode não funcionar para outro. Foi observando esse fato que os psicólogos da aprendizagem chegaram à conclusão de que o conteúdo e a forma de ensinar devem se adequar aos alunos. E essa adequação só se faz quando se conhece o contexto em que se realiza o processo de ensino-aprendizagem. Para tal, é indispensável se conhecer a realidade das famílias dos evangelizando, como são, do ponto de vista religioso, moral, social, econômico, cultural, educacional. É importante saber quais são seus valores e suas crenças, saber que expectativas mantêm acerca do Centro Espírita e da evangelização, conhecer suas motivações etc.

Assim, conhecido o contexto, é hora de se montar o planejamento. Partindo-se dos objetivos que se tem em vista, procura-se ter em mente as questões: o que? como? e quando ensinar? São perguntas inerentes à elaboração de currículo, que é o conjunto de todas as atividades desenvolvidas junto às crianças. No caso da evangelização Infância-Juvenil, inclui tanto os conteúdos ensinados durante os encontros, como as atividades iniciais, como brincadeiras, músicas; as atividades paralelas, como teatro, jogral, coral, artesanato, ou mesmo atividades ocasionais, como visitas, passeios, excursões, etc.

A Federação Espírita Brasileira há anos que vem dando subsídios aos Evangelizadores através de inúmeras publicações específicas, como:

- ⊖ Coleções de planos de aula, para todos os ciclos,
- ⊖ Coleções de livros infanto-juvenis,
- ⊖ Coleções de músicas, como: Cantando e Evangelizando em CD – em três volumes e Evangelização em Notas Musicais – em seis volumes,
- ⊖ Peças teatrais,
- ⊖ Livros e apostilas como: A Evangelização Espírita em Busca da Qualidade; Técnicas Pedagógicas; Recursos Didáticos; Reunião de Pais; Jogos Recreativos e
- ⊖ Livros pedagógicos, como por exemplo, “Pelos Caminhos da Evangelização”, de Cecília Rocha,

Uma tendência que vem se firmando entre os grupos de evangelização já consolidados é a de elaboração de currículos próprios. Há grupos que têm em sua equipe pessoas ligadas à área da educação e que fazem adaptações dos currículos da FEB ou criam currículos próprios. É uma opção interessante, na medida em que pode atender melhor à especificidade da clientela. Conhecemos grupos que baseiam suas atividades pedagógicas em torno de processos criativos; outros, em atividades artísticas ou em histórias infantis. Há os que preferem utilizar, parábolas e biografias de grandes vultos da humanidade ou seguir o Livro dos Espíritos ou o Evangelho segundo o Espiritismo. Vale ressaltar, no entanto, a necessidade de que as atividades sejam bem planejadas e que se mantenham sempre fiéis à Doutrina Espírita e aos ensinamentos cristãos.

Aproveitando as boas e consistentes ideias, CEERJ vem trabalhando, em seus cursos de formação continuada, o planejamento por eixos temáticos, que faz parte de uma vivência da Lúcia Moysés e equipe, em uma Casa Espírita de

Niterói, que trouxe excelentes resultados. A ideia central é trabalhar em torno de três a cinco temas norteadores, os eixos temáticos. Eles permitem caminhar conforme as características e interesse da turma de evangelizando, o que confere mais flexibilidade e torna o trabalho mais motivador. Outra característica dessa metodologia é partir de três princípios básicos: todos os conceitos são vivenciados antes de serem apresentados; as atividades devem fazer pensar; e a aprendizagem se faz na interação. Toda a metodologia do trabalho está especificada no livro "A Evangelização mudando vidas" de autoria da companheira acima citada, editado pela Editora EME.

Periodicidade

Quando se deve planejar? Com exceção do primeiro momento do planejamento, todos os demais devem levar em conta o que ocorreu na execução do anterior. É preciso saber se os evangelizando já conseguiram aprender o que estava sendo ensinado; se há pontos em que se precisa reforçar com novas aprendizagens; se o assunto estava à altura dos seus níveis de compreensão, se despertou interesse ou não.

Por isso, o planejamento deve ser feito para períodos curtos. Um mês é uma boa medida. Se for essa a periodicidade usada, deve-se começar pela avaliação do mês anterior. Em função do processo de aprendizagem ocorrido, traçam-se os caminhos das novas aprendizagens.

O primeiro planejamento também deve merecer cuidados especiais. Se o grupo procede do ano anterior, podem-se levar em conta os resultados alcançados e as características do grupo remanescente. Se, ao contrário, se trata da instalação da evangelização em uma determinada instituição, o principal objetivo das primeiras semanas deverá ser o de permitir que os novos evangelizando descubram a alegria que é participar de uma evangelização Espírita. As atividades pedagógicas devem ser leves, atraentes, propiciando trocas entre os colegas.

Devem também permitir que cada um se apresente, falando um pouco de si.

Planejamento em si

O bom planejamento é aquele que é feito em equipe, sob a orientação de um coordenador, porque permite uma reflexão conjunta, além de trocas de experiências.

Com a ajuda dos guias metodológicos da FEB e livros de didática, é fácil elaborar-se um planejamento. (Ver o Portal da FEB, na internet da Coleção nº 4, com aulas prontas por períodos e temas). Há, também, cursos promovidos por órgãos espíritas voltados para a formação do evangelizador que orientam sobre esse tema.

Há, no entanto, um aspecto que merece ser discutido: o da seleção dos temas.

Além de ter sempre em mente que o principal objetivo da evangelização é formar pessoas de bem, a equipe de evangelizadores deve estar alerta para uma evidência que tem sido verificada na prática: as crianças se evadem da evangelização a partir do 1º ciclo da Infância. Significa dizer que se deve pesar muito bem cada um dos temas propostos, sobretudo, os dos anos iniciais, passando-os, pelo menos, por dois crivos: 1º) estar ajudando a formar pessoas de bem; 2º) trazer uma mensagem que possa ser significativa para a vida do evangelizando, caso ele se evada.

Igualmente importante na seleção dos temas é verificar-se a sua adequação ao nível de maturidade intelectual e emocional da turma. Caso a equipe não tenha conhecimentos psicológicos que possam fundamentar suas escolhas, uma observação acurada do que se passa durante as atividades pedagógicas ajuda bastante. Os evangelizados se interessam pelo que está sendo proposto? Entendem o que está sendo ensinado? Fazem perguntas que denotam estarem acompanhando? Querem saber mais sobre os temas tratados? Ou, ao contrário, estão indisciplinados, fazendo brincadeiras

em torno do assunto dado, inquietos, ou, o que é pior, estão apáticos? (é pior porque pode dar ao evangelizador inexperiente a falsa impressão de que tudo vai bem). Os últimos comportamentos são indícios de falhas na adequação dos temas a turma.

Há alguns temas que se adaptam bem a qualquer tipo de clientela. Conduta espírita, moral cristã, lei de causa e efeito, reencarnação e as belas passagens da vida de Jesus são alguns deles.

Uma vez elaborado o planejamento, é de fundamental importância que antes de cada encontro sejam tomadas todas as providências para a sua execução. Quando relacionamos a disponibilidade de tempo como uma das características necessárias ao evangelizador, é porque sem ela não há como se preparar para a tarefa. Além de domínio do conteúdo, espera-se que o evangelizador domine também as técnicas que irá utilizar na atividade pedagógica; tenha à mão os recursos materiais de que irá precisar; organize o espaço em função das suas necessidades; tome, enfim, todas as providências para que tudo saia a contento.

EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Local e mobiliário

Em geral, quando se começa, ainda não há locais específicos para o funcionamento da evangelização. Isso, contudo, não impede o início do trabalho. Conhecemos instituições modestas, que só contam com uma sala para as reuniões públicas e que começaram com duas turminhas, uma em cada canto da sala. Outra, só tinha disponível um corredor. Foi lá que se iniciou a evangelização. Outros, ainda, têm bons espaços externos e os utilizaram também com o mesmo propósito. Nós, mesmos, já precisamos alocar uma turma sob uma frondosa mangueira. Construimos, ao seu redor, três bancos de tábuas de pinho e essa foi uma “sala de aula” que nos deixou saudades.

Há, também, situações nas quais só há um ou dois espaços destinados à evangelização para um número de turmas superior a isso. Uma solução possível é se trabalhar em horários diferentes. O inconveniente é que dificulta a ida da criança que depende de alguém para levá-la.

O ideal, contudo, é que a evangelização possa contar com salas de aula próprias, permitindo que as produções feitas pelos evangelizados possam ficar expostas por certo tempo. A esse respeito, vale lembrar que, em não havendo espaço próprio para a evangelização, deve-se providenciar um painel em algum lugar da instituição para a exposição da produção das crianças. Essa é uma medida que ajuda na elevação da auto-estima do evangelizando e socializa o saber, além de despertar nos frequentadores o reconhecimento do valor da tarefa da evangelização. Muitos evangelizadores tiveram sua atenção despertada para esse trabalho observando tais produções.

Havendo salas de aula, essas merecem cuidados especiais. Temos a esse respeito um ponto de vista que foge um pouco do

convencional. A evangelização espírita deve ter características próprias, afastando-se do modelo tradicional de escola, sobretudo quando se percebe que esse modelo está buscando novos caminhos. Não há muito sentido em insistir em adotá-lo.

Há inúmeras possibilidades de se trabalhar de forma a tornar o ensino mais agradável, mais participativo, como convém à evangelização. E mais: um ambiente diferente do tradicional permite à criança com histórico de fracasso escolar tentar outro tipo de aprendizagem, encorajando-a a se ver com outros olhos. O importante é que o espaço seja acolhedor, estimulante e agradável.

Quanto ao mobiliário, damos, a seguir, sugestões para todos os orçamentos, a começar para os mais baratos.

- ⊕ Colchonetes e almofadas colocados no chão. É ideal para se contar histórias. Pode-se reutilizar colchonetes, forrando-os com chitão colorido. São guardados enrolados, dentro de uma caixa de papelão, em um canto da sala;
- ⊕ cavaletes e tampo de compensado (deve-se ter o cuidado de reforçar as laterais com ripas de madeira para não envergar). É ótimo porque podem ser desmontados, permitindo variações no uso do espaço. Acompanham banquinhos individuais ou bancos coletivos;
- ⊕ mesinhas e cadeiras desmontáveis, de ferro (usadas em bar);
- ⊕ mesinhas de madeira ou plástico, com banquinhos individuais. Esses dois últimos são bastante versáteis, porque permitem várias arrumações.
- ⊕ **Utilização de data show e outros recursos midiáticos, trazendo para dentro da evangelização o que hoje é de uso comum entre crianças e jovens.**

Atividades de rotina

Trabalhar seguindo rotinas pré-estabelecidas é uma forma de criar hábitos, manter a ordem e ganhar tempo. Caberá à coordenação determinar uma rotina das atividades a serem cumpridas pelos evangelizando desde o momento em que entram até ao que saem da instituição. Comunicando-lhes desde o primeiro dia em que ela consistirá, basta aplicá-la conforme o previsto para, em pouco tempo, verificar seus benefícios.

Igualmente importantes são a elaboração e aplicação de normas. Vale sempre lembrar aos e jovens e crianças que ali eles estão se preparando para a vida. Caberá à equipe decidir sobre uma série de medidas necessárias à manutenção de um ambiente pedagógico compatível com a boa aprendizagem. A esse respeito não se pode esquecer dos hábitos de organização, limpeza e higiene.

À guisa de exemplificação, podemos simular a seguinte rotina para um dia de evangelização infantil: 1º) antes do horário previsto para o início das atividades: brincadeira livre, com brinquedos da própria evangelização; 2º) início das atividades: todos deverão guardar os brinquedos e se dirigirem para o salão; 3º) harmonização: todos cantarão acompanhados pelos evangelizadores, terminando com uma prece feita voluntariamente por um dos evangelizando; 4º) cada turma deverá se dirigir para o local onde se desenrolarão as atividades do dia (aula, ensaio de teatro, de coral, bandinha, artes plásticas, pesquisa na biblioteca etc.); 5º) finalização das tarefas e arrumação das salas ou ambientes onde foram realizadas as tarefas; 6º) lanche: cada turma deverá organizar fila para lavar as mãos e receber o lanche; 7º) saída; 8º) opcional: biblioteca infantil.

Horário

Antes de se estabelecer um horário para a evangelização é bom que se conheça as características das famílias da

comunidade e seus hábitos mais comuns. O horário a ser escolhido deverá propiciar o máximo de facilidades às crianças e aos seus responsáveis.

Há instituições que mantêm o horário da evangelização fazendo-o coincidir com o de reuniões públicas. Isso permite aos pais frequentarem-nas enquanto os filhos participam da evangelização. Devemos, no entanto, ficar atentos para um inconveniente: se os pais deixam de ir às reuniões, as crianças também acabam faltando. Por outro lado, sabemos de caso onde se deu o inverso: pais que iam de vez em quando ao Centro, passaram a ter assiduidade porque precisavam levar seus filhos para a evangelização.

Se levarmos em conta todos os aspectos pedagógicos da questão, acabaremos por optar por um horário exclusivo para a essa tarefa uma vez que ele permite ampliar o tempo que lhe é destinado, dar maior atenção aos evangelizando, trabalhar em ambiente menos movimentado, entre outras vantagens.

Não importa qual seja a opção escolhida, é da maior importância o cumprimento do horário por parte de todos. Sabemos que o atraso é uma questão cultural e que faz parte do cotidiano de muitas pessoas.

No entanto, considerando o pequeno tempo semanal destinado à evangelização, todo esforço é pouco no sentido de se criar o hábito da pontualidade. Pode-se pedir a colaboração dos pais, solicitar aos colegas mais pontuais, e que morem perto dos que chegam sempre atrasados, que os chamem para irem juntos para a evangelização, ou, até mesmo comprar despertadores de baixo custo para os retardatários. Uma medida que deu muito certo conosco foi organizar uma caixa de brinquedos (usados) que só poderia ser utilizada antes do início das atividades. As crianças chegavam cada dia mais cedo!

O encontro

O uso consagrou o termo “aula, ou aulinha” de evangelização. Nos últimos tempos temos preferido denominar

“encontros” as atividades pedagógicas junto aos evangelizando, porque, apesar de ser um processo que visa levar à aprendizagem, é bem diferente do que se passa em uma escola. Lembrando Leopoldo Machado, diríamos que evangelização deveria ser sinônimo de alegria. Deveria ser um encontro de almas em torno do Mestre Jesus e como tal, marcado pela leveza, pela descontração, sem a formalidade de uma sala de aula.

Não é nossa intenção explicarmos aqui os procedimentos didáticos inerentes ao planejamento desses encontros. Há na literatura pedagógica e mesmo na espírita, bons livros de didática e psicologia da aprendizagem que tratam dessa temática.

Há, porém, um aspecto básico relativo ao ensino/aprendizagem que gostaríamos de tratar, qual seja o da importância de haver um conhecimento do contexto no qual vai se processar a aprendizagem, por parte de quem vai ensinar.

Quem evangeliza precisa conhecer, e bem, o evangelizando. Tudo influencia na aprendizagem: a idade, o nível de escolaridade, o nível sócio-econômico, o tipo de família (sua estrutura, sua forma de encarar a evangelização, o Espiritismo), isso, sem contar com a bagagem espiritual que cada um traz.

Estudiosos dos processos de aprendizagem consideram tão importante se conhecer os alunos que chegam mesmo a afirmar que só há verdadeira aprendizagem quando se toma como ponto de partida aquilo que o aprendiz já conhece. E essa afirmativa vale também para o adulto. Por exemplo, quando se encontra alguém que começa a explicar um assunto novo usando palavras desconhecidas, também não se fica sem entender direito aquilo que foi explicado? Agora, imagine a criança!

Às vezes o problema não consiste nas palavras, mas no significado que o aluno lhes atribui. Pode acontecer de o evangelizador estar empregando pensando em uma coisa e os alunos estarem pensando em outra.

Outras vezes, o problema é a interpretação que ele dá ao que o evangelizador fala. À medida que ele vai ouvindo, vai elaborando o seu pensamento, e esse é fruto das suas vivências, das suas observações. Desta forma, pode acontecer de haver uma grande distância entre o que ele quis dizer e o que foi apreendido. Vejamos um exemplo: o assunto do encontro aborda o rancor. A evangelizadora pergunta quem saberia explicar do que se trata. Três crianças se apresentam, voluntariamente. E todas, fazendo um gesto de arrancar alguma coisa, explicam que rancor é de arrancar (“Rancou, ó!”).

Trabalhar ignorando a realidade dos alunos pode, por vezes, ser desastroso, chegando mesmo a provocar-lhes dores e sofrimentos desnecessários. Nas nossas trocas de experiências com evangelizadores, já vimos muitos deles se darem conta disso, ainda que tardiamente. Exemplificaremos com um caso que nos foi narrado. Certa evangelizadora, abordando o tema “família”, fez cartazes e trabalhou o tempo todo considerando apenas a família dita “bem estruturada”. Aquela em que há pai, mãe e filhos; o pai trabalha fora; sai de casa de terno e gravata, com uma pasta na mão; os filhos têm seu próprio quarto, com uma cama, mesinha de cabeceira etc.; a família se reúne, à noite, à hora de jantar em torno da mesa e todos conversam. Não é difícil se perceber tratar-se de um modelo idealizado de família de classe média. Acontece que turma da referida evangelizadora criança alguma tinha uma família como aquela. Havia crianças pobres, filhas de pais desempregados, filhas de mães solteiras ou de mães abandonadas pelos maridos; crianças criadas pelos avós, ou que tinham padrasto. Ninguém ali se enquadrava nos moldes apresentados. É muito provável que naquela dia as crianças tenham voltado para a casa com a sensação de que havia algo de muito errado com elas, sentindo-se envergonhadas ou, quem sabe, até mesmo culpadas por uma situação na qual elas eram apenas vítimas.

Para evitar tudo isso, e tentar aprimorar o ensino, o melhor é que cada evangelizador conheça todos os seus evangelizados. É importante que ele procure saber como vivem,

conheça suas histórias de vida, seus sonhos, seus temores... Uma boa forma de consegui-lo é manter, durante seus encontros, um diálogo aberto. É preciso fazer perguntas, pedir para que contem sobre eles próprios. À medida que for ensinando, deve contar casos, trazer histórias e ir proporcionando chances para que eles se comparem com os personagens trazidos. Relatos devem ser sempre bem-vindos, ainda que trazidos em um linguajar nem sempre apropriado, como às vezes acontece.

A questão da disciplina

Ao abordarmos essa questão queremos trazer à tona algo que talvez já tenha sido esquecido pelo adulto: o prazer das novas descobertas quando se é criança ou jovem. Encontros interessantes, que estimulam a participação de todos, que trazem novidades e, principalmente, que estão ao alcance da compreensão dos aprendizes, dificilmente estimulam a indisciplina.

Não há, no entanto, como negar a existência de certos evangelizandoos que já trazem de casa ou da escola, hábitos indisciplinados arraigados. Para esses há algumas medidas que podem ser tomadas: incitar-lhes a participação através de perguntas que estejam ao seu alcance respondê-las; elogiar a sua participação quando houver acerto, e pedir colaboração em pequenas tarefas são algumas delas. Outra medida que funciona é ter à mão material para a realização de uma tarefa manual (simples) a ser feita por aqueles que se indisciplinam após terem concluído seus afazeres.

De qualquer forma, as regras disciplinares devem fazer parte daquelas rotinas a que já nos referimos anteriormente. O ideal é que sejam estabelecidas em comum acordo com os evangelizandoos e que sejam sempre cobradas pela equipe de evangelizadores.

Nos casos mais difíceis, se deve apelar para conversas particulares, aconselhamentos ou até mesmo uma conversa

com os responsáveis. Temos certeza que o conhecimento doutrinário assegura bases sólidas para se lidar com esse tipo de problema, trazendo explicações que atenuam os erros, apontando soluções.

E, por se tratar de um trabalho que conta com a proteção do Mundo Maior, nunca se deve esquecer de levar os nomes para as reuniões de tratamento ou de orientação espiritual.

Festividades

Colaborar na socialização e desenvolver a sensibilidade do evangelizando deve ser uma das preocupações de quem evangeliza. Para isso, nada melhor do que aproveitar as festividades e comemorações para esse fim. Atividades ligadas às artes, em geral – música, representação, desenho, pintura – têm, geralmente, seu espaço assegurado nos currículos das Evangelizações Espíritas e acabam fazendo parte dos seus programas festivos. Podem ser produções simples, na qual se destacam a criatividade e a espontaneidade dos participantes. Outra função importante das festividades é a de aproximar as famílias da instituição. Vale alguns lembretes: se for festejar a Páscoa, dar-lhe o enfoque bíblico; lembrar que Natal é o nascimento de Jesus; que muito constrangimento pode surgir quando se comemora o dia das Mães e o dos Pais onde a maioria das crianças é proveniente de famílias desestruturadas. Muitos grupos estão substituindo essas comemorações pelo Dia da Família. Os aniversários do mês, as datas ligadas a eventos espíritas e à história da instituição oferecem ótimas oportunidades para comemorações.

RELAÇÕES IMPORTANTES

Com os Órgãos do Sistema Federativo Espírita Estadual

Mais do que nunca vem se verificando um movimento de integração entre os diferentes departamentos das Casas Espíritas, com especial destaque para o trabalho da evangelização. Se a instituição é adesa ao órgão federativo estadual, como o CEERJ, essa integração se faz através do Conselho Espírita de Unificação (CEU) da sua região. A forma como está estruturado o CEERJ privilegia uma comunicação em cadeia, isto é, o estado foi dividido em nove grandes regiões, cada uma formando um REUNIR. Esses, agrupam em torno de si vários CEU (hoje são 71). Cada CEU é composto por grupos de cidades próximas ou de bairros próximos (é o caso do município do Rio de Janeiro). O CEERJ tem em cada CEU um representante da Evangelização da Infância e outro da Juventude, que são elos de ligação entre os REUNIR e as Casas Espíritas. Essas informações estão disponíveis na internet, no Portal do CEERJ (www.ceerj.org.br).

Com a instituição Espírita

Pode parecer estranho que estejamos tratando das relações entre a evangelização e a própria instituição que a abriga. É que nem sempre essa relação se faz de modo satisfatório. A evangelização, no entanto, precisa estar perfeitamente integrada às atividades da Casa. A experiência tem comprovado que quando a direção prestigia o trabalho da evangelização ela cresce, torna-se presente e atuante.

Com as famílias

Para que o trabalho da evangelização seja completo, deverá envolver todas as famílias dos evangelizandos. O livreto relativo à Evangelização da Família – ENEFE e Espaço Familiar tratam especificamente desse assunto.

Importa ressaltar que, ao lado das ações da família relativas à evangelização, recomendamos que nos encontros com os pais ou responsáveis seja sempre estimulada a prática do Evangelho no Lar. Para aqueles que ainda não o conhecem poderiam ser dadas instruções a respeito, utilizando-se dos incontáveis folhetos explicativos existentes nas próprias instituições, nos CEU ou no próprio portal do CEERJ.

Com a comunidade

O envolvimento do indivíduo e das instituições sociais com a comunidade é uma tendência que vem se evidenciando atualmente, em escala mundial. As grandes cidades vêm deixando as pessoas isoladas. Sozinhas, contam somente consigo próprias. Aliando-se aos que lhe estão próximos, tornam-se fortes. Por isso, a evangelização não pode deixar de manter relações com a sua comunidade.

Não podemos nos esquecer que cada comunidade tem características próprias e é a partir do seu conhecimento que deve se estruturar a própria evangelização. Pensamos que essa relação deve ser de mão dupla, ou seja, tanto a evangelização pode servir à comunidade, quanto ser por ela servida.

Querem-se criar nos nossos jovens e crianças sentimentos de solidariedade, de cidadania, de participação etc., devemos aproveitar as inúmeras oportunidades que o envolvimento comunitário nos traz. Lembramos aqui alguns deles: visitas a lares de idosos, a creches e a orfanatos locais; apresentação de grupos em eventos festivos da comunidade; participação em campanhas ecológicas, de saúde, de conscientização da população local etc.

Mas também é possível obter-se da comunidade parcerias para iniciativas proposta pela evangelização.

Hoje já temos exemplos de grupos que assim procederam e que desfrutam do respeito da sua comunidade, que acaba reconhecendo que os espíritas começam desde cedo a se esforçarem para serem pessoas de bem.

SUGESTÃO DE LEITURAS E DE SITES NA INTERNET

Muitos companheiros espíritas têm publicado livros voltados para educadores espíritas. São, via de regra, obras que tratam da pedagogia espírita, filosofia espírita ou da didática. Há, também, cadernos e apostilas publicadas pela Federação Espírita Brasileira e por suas filiadas nos estados que, ao longo do tempo, vêm sendo usadas por evangelizadores e dinamizadores do ESDE.

Com o objetivo de ajudar, mas conscientes da incompletude da relação, listamos algumas sugestões de leitura para aqueles interessados na área pedagógica espírita (Por considerarmos que o evangelizador já deve conhecer os livros da codificação espírita, eles aqui não estão relacionados).

Também apresentamos uma lista de sites que podem oferecer um bom suporte nesta tarefa.

ALVES, Walter Oliveira. *Educação do Espírito. Introdução à Pedagogia Espírita*. Araras: IDE, 1998 (5ª. ed.).

_____. *Prática Pedagógica na Evangelização. Conteúdo e metodologia (I) e (II)*. Araras: IDE, 1998.

ALVES, *O Teatro na Educação do Espírito*, Araras: IDE, 1999.

BALEEIRO, Adalgisa Campos (org.). *Contribuições às Reflexões sobre Práticas Evangelizadoras da Infância*. São Paulo: USE, 1997.

BARCELOS, Walter. *Educadores do Coração*. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1999.

CAMILO (Espírito). *Desafios da Educação*. [psicografado por] J. Raul Teixeira, Niterói: Frater, 1995.

_____. *Educação e Vivências*. Niterói: Frater, 1993.

CARVALHO, Marilena M. *O melhor é Viver em Família*. Rio de Janeiro: CELD, 1996.

CASTRO, Theresa. *Leite de Conversa Com Quem Tem Dever de Educar*. Rio de Janeiro: CELD, 1994.

DE MARIO, Marcus Alberto. *Visão Espírita da Educação*. Matão: O Clarim, 1999.

DEPARTAMENTO de Infância e Juventude. *Evangelização. Conteúdo Programático*. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1999.

FEB. *O Que é Evangelização? Fundamentos da Evangelização Espírita da Infância e da Juventude*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

_____. *Separata de O Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, 1985.

_____. *Organização e Funcionamento do DIJ nas Federativas - FEB / Orientação ao Centro Espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

_____. *Currículo para Escolas de Evangelização Espírita Infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: FEB, 1998

FOELKER, Rita. *30 Atividades de Educação Emocional e Intuitiva (vol. 1, 2 e 3)*. São Paulo: GIL, 2008.

INCONTRI, Dora. *Pestalozzi. Educação e Ética*. Rio de Janeiro: Scipione, 1996.

_____. *A Educação segundo o Espiritismo*. São Paulo: FEESP, 1997.

_____. *A Educação da Nova Era*. Jundiaí: Comênus, 2005.

LOBO, Ney. *Espiritismo e Educação*. São Paulo: FESPE, 1995.

_____. *Filosofia Espírita da Educação e suas conseqüências pedagógicas e administrativas. Vol. 1 a 5*. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

_____. *Prática da escola espírita: a escola que educa*. Brasília: Auta de Souza, 2003.

MACEDO, Vilma. Coleção de CD “*Evangelização em notas musicais*”, n.3, da FEB.

MARQUEZ, Dima Lourenço. *Evangelização: compromisso com Jesus*. Capivari: EME, 2007.

MENEZES, Lydienio Barreto de. *A Educação à Luz do Espiritismo*. Rio de Janeiro: CELD, 2008 (5ª ed.).

MOYSÉS, Lucia. *Conte outra História*. Capivari: EME, 2008 (2ª ed.).

_____. *Como aprendemos? Teoria e Prática na Educação Espírita*. Capivari: EME, 2009.

PAIVA, Maria Enny. *Asas para o Infinito*. Capivari: EME, 1995.

PEREIRA, Sandra Borba. “Uma introdução à proposta pedagógica de Jesus, seus princípios norteadores e práticas de ensino”. *Reencarnação*, nº427, ano LXX, s/d.

PESTALOZZI, J. Heinrich. “Carta de Stans”. In: INCONTRI, Dora. *Pestalozzi. Educação e Ética*. Rio de Janeiro: Scipione, 1996, pp.140-158.

PIRES, Heloisa. *Educar para Ser Feliz*. São Paulo: C. Flammarion, 2002.

PIRES, J. Herculano. *Pedagogia Espírita*. São Paulo: EDICEL, 1986 (2ª ed.).

REVISTA Pedagógica Espírita. Araras: IDE, números 1 a 4, 2008.

RIVAIL, H. L. D. *Textos Pedagógicos*. Jundiaí: Comenius, 1999 (2ª. ed.).

ROCHA, Cecília. *Pelos Caminhos da Evangelização*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

VINICIUS [Pedro de Camargo]. *O Mestre na Educação*. Rio de Janeiro: FEB, 1976.

_____. *Em Busca do Mestre*. São Paulo: FEESP, 1988.

_____. *Na Escola do Mestre*. São Paulo: FEESP, 1988.

_____. *Na Seara do Mestre*. Rio de Janeiro: FEB, 1970.

_____. *Nas Pegadas do Mestre*. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

Endereços eletrônicos

- ⌘ www.febnet.org.br (o portal da Federação Espírita Brasileira. Lá se encontra muito material para *download* e sugestões para a compra).
- ⌘ www.ceerj.org.br (portal da Área de Educação do CEERJ)
- ⌘ <http://www.evangelizacaoglobal.net/> (portal do evangelizador espírita)
- ⌘ <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/mundo-espirita/a-acao-educativa-da-casa.html> (artigo de Sandra Borba Pereira sobre ação educativa)
- ⌘ <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/mundo-espirita/dinamizando-o-trabalho.html> (artigo de Sandra Borba Pereira: Dinamizando o trabalho com a juventude)
- ⌘ <http://www.orientacaoespirita.org/educa.htm> (portal Orientação Espírita)

- ⌘ <http://www.pedagogiaespirita.org.br> (portal Pedagogia espírita)
- ⌘ http://www.caminheiros.com.br/link2_evangeliza.htm (Escola Caminheiros de Jesus)
- ⌘ <http://www.evangelizar.org.br>
- ⌘ <http://www.edicoesgil.com.br/crianca> (site da escritora Rita Foelker).
- ⌘ http://www.cvdee.org.br/ev_evangelize.asp